

## Confúcio e a Revelação Primitiva<sup>1</sup>

Mario Bruno Sproviero<sup>2</sup>

"Uma consciência autêntica da tradição nos torna livres e independentes em relação ao conservadorismo daqueles que se pretendem 'os guardiães da tradição'. E na verdade pode ocorrer que esses famigerados 'bastiões da tradição' por se aferrarem a formas históricas impeçam a verdadeira transmissão daquilo que realmente é valioso (e que só pode ser transmitido sob formas históricas transformadas). E há uma transmissão autêntica das tradições essenciais que o simples conservadorismo nem sequer é capaz de divisar. Sem dúvida, no conjunto, o que menos importa para a verdadeira Tradição é aquilo que normalmente se chama de 'as tradições'" (Pieper<sup>3</sup>)

### Introdução

A finalidade deste artigo é mostrar como a tradição extremo-oriental veiculada por Confúcio (551-479 a.C.) remonta a uma Antiguidade portadora de uma sabedoria divina, preservada e ao mesmo tempo corrompida nos tempos posteriores, e que a chamada escola confuciana cuidou, naqueles tempos de extremo caos político-social, de fixar e transmitir por sua vez à posteridade, e que por mais de dois milênios tem se constituído na unidade cultural do povo chinês.

Para isto, temos que dividir o presente artigo em duas partes: a primeira será dedicada ao pensamento tradicionalista<sup>4</sup> ocidental; a segunda, a Confúcio.

### Primeira Parte

#### Concepção cíclica e linear da História

Costuma-se separar radicalmente duas concepções de história: uma linear e outra cíclica: "para o cristianismo primitivo como também para o judaísmo bíblico e para a religião iraniana, a expressão simbólica do tempo é a linha, enquanto para o helenismo é o círculo<sup>5</sup>".

---

<sup>1</sup> Notas de base de discussão em conferência no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Umesp em 23-04-14 – retomadas de artigo publicado em *Mirandum* No. 5, mai-ago 98.

<sup>2</sup> Professor Titular Aposentado do Departamento de Letras Orientais da FFLCHUSP.

<sup>3</sup> "Le Concept de Tradition" *La Table Ronde*, No. 150, juin 1960, Paris, p. 93.

<sup>4</sup> Há, no tradicionalismo, muitas correntes e grupos diferentes, mesmo contrastantes. Houve um forte movimento tradicionalista católico que medeia entre o fim da Revolução Francesa (1789-1799) e o fim do pontificado de Pio IX (1846-1878). Entre os mais importantes autores temos: Joseph de Maistre (1753-1821); Louis de Bonald (1754-1840); Robert de Lamennais (1782-1854); François René de Chateaubriand (1768-1848); Auguste Nicolas (sua principal obra é de 1845); Henri Lacordaire (1802-1861) e o principal e mais lúcido, o Pe. Gioacchino Ventura (1792-1861). Este movimento, depois completamente erradicado da Igreja, não deve ser confundido com o dos chamados católicos tradicionalistas pós-conciliares. Posteriormente, tivemos neste século um movimento tradicionalista, centrado em René Guénon (1886-1951), acérrimo crítico da mentalidade moderna, defensor de uma tradição primordial, mas infelizmente inquinado pelo pensamento gnósticoesotérico e por procurar reconstituí-la a partir da tradição posterior do panteísmo do Advaita Vedanta. Não deixa, no entanto, de contribuir com elementos valiosos para o esclarecimento da "Tradição".

<sup>5</sup> O. Cullmann - *Cristo e il tempo*. Il Molino, Bologna, 1965. P. 74.

Na concepção cíclica, teríamos, a exemplo do que acontece com a natureza, uma repetição de ritmos cósmicos, sem meta última e definitiva; já a outra considera uma tensão em direção a uma meta que será alcançada e que é o movente da própria história.

Esta distinção é fantasista e baseada na concepção do eterno retorno, de modo algum universal. No próprio Guénon, ainda que seu pensamento não seja explícito quanto a este ponto, há uma Tradição Primordial, polar, a partir de um mítico povo, os hiperbóreos<sup>6</sup> e depois de algumas "humanidades" extintas estaríamos no fim de um ciclo para iniciar outro e assim indefinidamente como no mágico pensamento astrológico.

Ora, esta repetição indefinida, sem início e sem fim, e que nos Upaniṣads chama-se *samsāra*, ocorre posteriormente, em momentos de crise e desespero. Justamente a proposta do budismo é a libertação deste ciclo infernal<sup>7</sup>.

Nos Vedas (ca 1000 a.C.), as mais antigas escrituras hindus, não há traço desta concepção. Já nos Brāhmanas, textos para guiar os sacerdotes nos complicados rituais, surge outra concepção. Citemos Sarvepalli Radhakrishnan (1888-1975), certamente uma das maiores autoridades do pensamento hindu: "Thus far the difference between the Vedic and Brāhmanical views is that while according to the *Rg - veda* the sinner is reduced to nothing while the virtuous obtain immortality, in the Brāhmanas both are born again to undergo the results of their actions... The suggestion is that there is only one life after this, and its nature is determined by our conduct here"<sup>8</sup>.

Paralelamente na China - como nos refere De Groot em sua vasta e completa obra sobre a religião chinesa - temos: "The reader now knows that, according to Chinese views, a departed human soul may pass into the body of other deceased person. Side by side with this conception the belief prevails, that any excarnated soul may obtain a new body by being reborn through a mother. This process is generally known by the term *tou tai* to make one's way into a uterus.

投胎

We, however, have not found any reference to re-incarnation before the age in which the *Jin* dynasty (265 d.C.-420 d.C.) reigned"<sup>9</sup>.

Recorri a esses exemplos, pela importância que revestem: na hipótese de uma revelação divina originária, mostra-se a intromissão de especulações humanas posteriores, inquinando-a. Assim, é essencial verificar se uma determinada concepção é originária ou não: no caso, a transmigração das almas, metempsicose, palingenesia, reencarnação<sup>10</sup> constituem desvios especulativos posteriores. Não há nenhuma revelação divina que as ateste. Donde a importância de constatar a originariedade e universalidade destas concepções: o conceito de Deus, da alma imortal, da importância dos atos desta vida, do juízo pós-morte, do inferno, do paraíso inicial, da queda, do sacrifício<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> René Guénon. *Formes traditionnelles et Cycles Cosmiques*. Gallimard, Paris, 1970, pp. 35 - 51.

<sup>7</sup> O dicionário sânscrito de Monier - Williams, assim nos explica a palavra *Samsāra*: "going or wandering through, undergoing transmigration; course, passage, passing through a succession of states, circuit of mundane existence, transmigration, metempsychosis, the world, secular life, worldly illusion" (p. 1119).

<sup>8</sup> Radhakrishnan - *Indian Philosophy*, vol. I. George Allen Unwin Ltd, London, 1923. p. 134

<sup>9</sup> J. J. M. De Groot. *The Religious System of China*. Volume IV, Book II. 1892. Reprinted by Ch'eng Publishing Co., Taipei, 1976. p. 143.

<sup>10</sup> Concepções afins, mas não idênticas. A esse respeito é pertinente o critério de R. Guénon: se uma doutrina inclui a reencarnação, não faz parte da revelação primordial...

<sup>11</sup> Não é escopo deste artigo entrar em detalhes. Para tanto, a obra básica ainda é: W. Schmidt *Der Ursprung der Gottesidee*, Münster, 1912 - 1949, 12 vol. Quanto ao inferno, recomendamos: Michel Carrouges et alii. *L'Enfer*. Les Editions de la Revue des Jeunes. Paris, 1950.

A título de exemplo, eis como Platão (427-347a.C.), cuja obra contém um acervo de antigas tradições, coloca o inferno: "Mas aqueles que pela enormidade de seus pecados mostram-se irremediáveis...; estes estão destinados ao Tártaro, donde não sairão nunca". (*Fédon*, 113 D)

Voltemos agora ao tema deste tópico, o do tempo cíclico e do tempo linear: o que caracteriza as concepções tradicionais é uma nostalgia de uma época áurea de harmonia cósmica e de felicidade perdida - sem explicação do porquê desta perda - e a procura de reviver esta época no rito. Não há nem poderia haver esperança alguma, pois esta foi trazida justamente pela tradição judaico-cristã, que, no estado de queda (e por causa dele...) completou a primeira revelação. Entre as duas revelações, uma pluralidade de especulações e fantasias humanas, incluindo as de Mircea Eliade (1917-1984), historiador das religiões<sup>12</sup>.

### **A Revelação Primitiva.**

Nada melhor do que um trecho do Pe. Ventura, também por se tratar de um clássico difícil de ser encontrado hoje. No contexto, há uma polêmica contra aqueles que admitem o inatismo das ideias como Platão, Descartes (1596-1650) é até o citado tradicionalista, De Bonald. O inatismo leva ao panteísmo: ora, a necessidade do homem ser ensinado quanto a certas ideias básicas levou a essas duas concepções: ou o inatismo, em que o intelecto humano nasce com certas ideias básicas ou a revelação primordial, em que o homem é ensinado de fora<sup>13</sup>. Eis o trecho:

A alma, em virtude da faculdade do intelecto agente, abstrai o universal do particular, elevando-se do sensível ao espiritual, ao intelectual, independentemente de qualquer educação e instrução.

Estas observações sobre o fato incontestável que o espírito humano possui algumas ideias que não aprendeu por si, deram lugar à doutrina das ideias inatas que alguns grandes homens adotaram, como é o caso de Platão, Descartes e Leibniz. O que os enganou foi não ter conhecido aquela admirável faculdade do intelecto agente mediante a qual o espírito humano instantaneamente forma por si mesmo as ideias, faculdade que a filosofia cristã apurou<sup>14</sup> mercê destes dois versículos da Sagrada Escritura: "luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a este mundo" (Jo 1,9) e "Gravado está, Senhor, sobre nós o lume do teu rosto"(Sl 4,7). S. Tomás (1225-1274) diz que estes dois trechos devem entender-se também filosoficamente.

Não discernindo esta sublime faculdade do espírito humano e por outro lado tendo suficiente inteligência e elevação para não se envolver na trivial doutrina dos sensistas (a de que todas as ideias e concepções universais originam-se dos sentidos) foram obrigados a admitir as ideias inatas, a fim de explicar a existência daquelas concepções no espírito, as quais não podiam resultar das impressões recebidas nos sentidos e precediam a toda instrução.

Mas a ciência das ideias deve fazer outra crítica aos filósofos que se chamam espiritualistas: confundem frequentemente sob a mesma

---

<sup>12</sup> M. Eliade - *Das Heilige und das Profane*. Rowolt, Hamburg, 1957 e M. Eliade. *La Nostalgie des Origènes* - Gallimard, 1971.

<sup>13</sup> Recomenda-se para esta questão o tratamento realmente magistral que S. Tomás lhe consagra no *De Veritate*, na questão 18: "O conhecimento do primeiro homem no estado de inocência".

<sup>14</sup> Aperfeiçoando Aristóteles no *De Anima*.

palavra "ideia", as ideias propriamente ditas que o espírito forma a partir dos "fantasmas" (no sentido técnico de esquema sensível do objeto) dos objetos materiais que nos alcançam através dos sentidos com os conhecimentos mais elevados sobre objetos de que os sentidos não poderiam transmitir nenhum fantasma ao espírito, como o conhecimento de Deus, a espiritualidade e imortalidade da alma, os deveres claros e precisos que tem o homem para com Deus, para com o próximo, para consigo mesmo etc. Quanto a tais concepções, às quais impropriamente se aplica a palavra "ideia", o homem, como acima mostramos por S. Tomás, não as poderia formar por si mesmo; ele só tem a necessidade e o instinto confuso, e deve recebê-las e as recebeu por uma revelação primitiva, a qual por meio da linguagem e da tradição<sup>15</sup>, foi transmitida, propagou-se e estabeleceu-se em todo o mundo. Se pois o Sr. De Bonald e sua escola tivesse circunscrito a estas altas noções a sua doutrina sobre a necessidade da palavra para obter as ideias, teria permanecido na verdade. Pois tais ideias só chegam ao homem mediante a sociedade em que se encontram, sempre e em toda a parte, mais ou menos alteradas, mais ou menos corrompidas; o homem só as recebeu por meio da instrução e por meio da palavra. Mas, seu erro foi ter estendido a sua doutrina a toda espécie de ideias ou de concepções puramente intelectuais, às ideias de ser e de suas modificações e atinências, das espécies e dos gêneros, do geral e do particular, do concreto e do abstrato, das causas e dos efeitos, dos princípios e das consequências, do bem e do mal moral, ao qual o espírito se eleva mediante o conhecimento do mal e do bem físico; a todas as ideias que constituem os elementos da razão. Com estas ideias fundamentais, a razão está em condições de receber e demonstrar<sup>16</sup> as noções e as verdades tradicionais. Não podendo, então, a razão entender só pela palavra recebida, o espírito forma por sua própria potência, pelo intelecto agente, as ideias, sem a palavra e independentemente da palavra<sup>17</sup>.

Temos neste trecho com clareza a posição tradicionalista. Os testemunhos da Antiguidade greco-romana são muitos. Eis um depoimento de Cícero (106 - 43 a.C.): "É ademais prescrito pela lei que entre os cultos pátrios observem-se os melhores. Sobre este assunto, quando os Atenienses consultaram Apolo Pítio para saber quais ritos religiosos, deveriam sobremodo observar, o oráculo respondeu: 'aqueles que se achavam nas tradições dos antepassados'. Voltaram uma segunda vez, dizendo que os costumes dos pais haviam mudado e pedindo quais, entre tanta variedade devessem seguir especialmente, o oráculo respondeu 'os melhores'. E, em verdade, aquilo que é melhor deve ser considerado mais antigo e mais próximo a Deus". (*De Legibus* II, XVI).

---

<sup>15</sup> De certo modo, mas não necessariamente, podem coligar-se o recebimento de uma revelação primitiva e o da primeira linguagem; em todo caso, esta revelação se transmite através da linguagem humana e esta é seu depósito.

<sup>16</sup> Quanto a estas verdades, a razão é apenas demonstrativa e, em nada, inventiva. Assim, Platão no Fedro procura demonstrar e refletir sobre todas as consequências da imortalidade da alma. Sua crença inicial é declarada do modo mais explícito possível: "Para um ser privado de alma não há bem ou mal que tenha valor, mas o bem e o mal valem somente em referência à alma, quer unida ao corpo ou separada dele. É preciso certamente crer nos relatos sagrados antigos que nos revelam que a alma é imortal e que recebe um juízo e paga penas gravíssimas, uma vez que, seja separada do corpo". (Carta VII, 335 A)

<sup>17</sup> Extraído de: Gioacchino Ventura *Opere*. Vol III: *La Ragione Filosofica e la Ragione Cattolica. Conferenze predicate a Parigi nell'anno 1851*. Versione italiana. Presso Gabriele Sarracino, Napoli, 1856, pp. 75-76.

Este trecho *mutatis mutandis* poderia ser transcrito para a tradição extremo-oriental.

Podemos dizer que a existência de uma revelação primitiva é atestada nas várias tradições culturais da humanidade. É uma revelação que se refere ao homem antes da queda, é uma revelação do que é o homem diante de Deus, da criação e do seu destino; mas houve a queda<sup>18</sup>, também esta atestada universalmente. Por causa da queda<sup>19</sup> houve a revelação especial, voltada para a restauração e transcendência do estado original.

Deve-se aqui notar que como conteúdo era a revelação original superior, mas o ponto é que a finalidade das duas não é a mesma, nem a segunda anula a primeira.

Para compreender isso, ajudar-nos-ão as considerações de De Maistre: "A essência da culpa é então um ato intelectual de separação, um sair da imediatez do conhecimento intelectual e originário concedido ao homem como feliz "estado natural", e a pretensão de uma forma de conhecimento diversa na qual o homem ergue-se a sujeito do conhecimento e portanto a novo centro do mundo<sup>20</sup>".

Notamos também uma explicação para a origem da escrita. No *Fedro*, Platão, defende, por meio de um mito, a superioridade da oralidade em relação à escrita (274 B-278 E). Também no capítulo 80 de Laozi, da tradição taoísta chinesa, defende-se o mesmo ideal. No entanto, neste estado de queda, não é possível prescindir da mesma, já que não participamos mais daquele pensamento intuitivo originário<sup>21</sup>: portanto é um mal necessário para a doença originária. Daí que a revelação especial seja feita por meio da escrita: a Sagrada Escritura. Eis um esclarecimento de Joseph de Maistre: "Deus nos concedeu duas revelações: a primeira - insondável, imperscrutável - coincide sem resíduos com a própria criação do homem, com o sopro vital que anima o ser feito à imagem e semelhança de Deus e destinado ao senhorio do universo; a segunda, a cristã, pelo contrário, segue a decadência do homem, o pecado e o afastamento da origem, e está dirigida ao despertar e refecundação dos restos da verdade que, mesmo através da culpa e da queda, mantêm todavia naquele ser degradado a centelha da intuição primigênia da verdade. Neste sentido, revelação é despertar, ou seja, o despertar de algo inato antes desta revelação, presente enquanto fundamento no próprio homem."<sup>22</sup>

Não poderíamos deixar de trazer também a fé de Aristóteles (384-322 a.C) que juntamente com Platão e Cícero constituem os três maiores talentos da Antiguidade greco-romana: "Temo fortemente que aqueles que recusam ver um bem no que é objeto de desejo para todos, não querem dizer nada de nada. Pois aquilo que

---

<sup>18</sup> Deve-se considerar a universalidade do sacrifício e da expiação em todas as culturas, como diz De Maistre: "e como a presença do mal no mundo mostra-se inexplicável fora daquele pecado original que explica tudo e sem o qual nada pode ser explicado, mas que, em si não é susceptível de nenhuma explicação "racional", donde seu caráter insuprimível de evento misterioso e todavia plausível porque admitido e apresentado pela tradição universal" (Cf. Marco Ravera, *Joseph de Maistre, Pensatore dell'Origine*. Murgia, 1986. pp. 57-58). Quanto a isso nos diz o abade Rambaud: "não é a partir do pecado que se deve compreender o que deveria ser a redenção, mas a partir do evento Cristo, Filho de Deus, de sua morte e ressurreição que se pode compreender simultaneamente o pecado e a redenção" (Cf. *L'Enfer*, op. cit., pp. 337-338).

<sup>19</sup> Um dos principais efeitos da queda é o caráter esquecedor do ser humano, oportunamente analisado por Luiz Jean Lauand em "Educazione e Memoria" *Collatio*, a. 1, n. 1, Enero-Junio 1998, Madrid, Ediciones de la Univ. Autónoma de Madrid, trad. de Mario Sproviero, pp. 41-48.

<sup>20</sup> Marcos Ravera, op. cit. p. 58.

<sup>21</sup> Note-se como a intuição - que propriamente falando só poderia ser intelectual - foi sempre mais criticada pelo pensamento filosófico, principalmente hegeliano. No neo-hegeliano italiano Giovanni Gentile (1875-1944) temos a crítica mais radical possível ao pensamento intuitivo

<sup>22</sup> Ravera, op. cit. 83. 84.

é admitido pelo consentimento é a própria realidade: rejeitar esta crença geral, é expor-se a não ser digno de fé". (*Ética a Nicômaco*, Livro X, Cap. II, 4 )

O falecido filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997)<sup>23</sup> revive e retoma em nossos dias, sem influência direta segundo nos consta, posições que no século passado foram defendidas pelo Pe. Gioacchino Ventura, de modo tão magistral quanto este. Vejamos as mesmas ideias na formulação de Pieper: "Um dos conceitos mais arraigados na teologia cristã desde os tempos mais remotos aponta para o fundamento - que esclarece e decanta a concepção platônica - a saber: o conhecimento recebido de fonte divina. Quero referir-me ao conceito de 'revelação primitiva'. Numa tentativa de expor seu conteúdo em formulação a mais sucinta possível, consideraríamos os seguintes princípios: no início da história humana está o evento de uma comunicação divina propriamente dita dirigida ao homem. O que foi nela comunicado entrou na tradição sagrada de todos os povos, nomeadamente em seus mitos e se conservou e está neles presente - de uma maneira segura, ainda que desfigurada, exagerada e com bastante frequência reduzida a algo quase irreconhecível. Essa verdade indestrutível da tradição mítica procede então do mesmo Logos que se fez homem em Cristo; somente a luz deste Logos que entrou na história humana, torna possível o que superava necessariamente as forças do pensamento pré-cristão: a clara separação entre o verdadeiro e o falso dentro do domínio da tradição, bem como a possibilidade de discernimento do 'mito verdadeiro' dos resíduos acidentais e incongruentes"<sup>24</sup>.

Para terminar este tópico, não poderia faltar o próprio testemunho da Bíblia. Antes, porém, teceremos algumas considerações sobre a participação da língua grega na própria Bíblia. Quanto a isto são luminosas as considerações de Divo Barsotti: "Deus comunica-se ao homem através de sinais; um destes sinais e também a linguagem, uma cultura. E Deus, nos livros sapienciais, comunica-se ao homem não mais somente através da língua e cultura semítica, mas também através da língua e cultura grega. Ele assume a fala grega para exprimir por meio desta a sua vontade, para revelar-nos a sua Verdade. Deus assume a língua grega e os conceitos gregos, e é ele mesmo que fala"<sup>(25)</sup>. Ora, não é necessário dizer quanto isto representa em termos de universalização da revelação especial. Aqui vamos considerar o *Eclesiástico*, escrito em hebraico mas que nos chegou apenas na forma grega. O trecho é Eclo 17, 1-12): "O senhor criou o homem da terra e a ela o faz voltar novamente. Deu aos homens número preciso de dias e tempo determinado, deu-lhes poder sobre tudo o que está sobre a terra. Revestiu-os de força como a si mesmo, criou-os à sua imagem. A toda carne inspirou o temor do homem, para que ele domine feras e pássaros. Dotou-os de língua, olhos, ouvidos e lhes deu um coração para pensar. Encheu-os de conhecimento e inteligência e mostrou-lhes o bem e o mal. Pôs sua luz nos seus corações, para lhes mostrar a grandeza de suas obras. Eles louvarão o seu santo nome, narrando a grandeza de suas obras. Concedeu-lhes o conhecimento, repartiu com eles a lei da vida. Fez com eles uma aliança eterna e deu-lhes a conhecer seus julgamentos".

O trecho fala por si e é muito rico em sugestões e implicações.

O versículo 6: "dotou-os de língua, olhos, ouvidos e lhes deu um coração para pensar" indica que Deus deu ao homem a linguagem. A palavra usada na Septuaginta<sup>26</sup> é ὄψο, ac. sing. fem. de ὄψο, que do significado de 'ponta', passou a

<sup>23</sup> Quanto a este tema recomendamos especialmente: *Über die platonischen Mythen* ("Sobre os mitos platônicos") Kösel-Verlag, München 1965 e *Überlieferung* ("Tradição") Kösel-Verlag, München, 1970.

<sup>24</sup> - *Über die platonischen Mythen*, pp. 80-81.

<sup>25</sup> D. Barsotti, *Meditazione Sul Libro della Sapienza*, Queriniana, 1976, pp. 10-11.

<sup>26</sup> A versão grega do Antigo Testamento feita em Alexandria durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-274 a.C.).

significar tanto *língua* (órgão) quanto *língua* (linguagem, idioma). Deus então deu-lhes a linguagem, os sentidos e a capacidade de pensar. O versículo 7: "encheu-os de conhecimento e inteligência e mostrou-lhes o bem e o mal", ainda mais claramente indica que o homem foi dotado de conhecimentos (encheu-os!) e de inteligência para compreender. O versículo 11: "concedeu-lhes o conhecimento..." reforça a ideia.

Esta mesma ideia é a que está presente no fundo da conhecida sentença de S. Paulo em Rom I, 19-20: "Porque o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus lho *revelou*".

Há também na Antiguidade outras interpretações: cétricas, da origem animal do homem etc., mas é inegável a concepção da revelação originária em culturas e ambientes independentes entre si. Às vezes encontram-se num mesmo autor (como Cícero, Platão etc.) o conflito entre ambas as duas concepções, indicando que essa revelação ora é aceita, ora é contestada, ora é falsificada. Por exemplo, depois de todas as vertiginosas elucubrações sobre a linguagem, mesmo talvez não sendo a opinião de Platão como filósofo<sup>27</sup>, Crátilo, como que dizendo que depois de todas as malabarismos especulativos o melhor é ater-se a tradição, afirma: "Creio, Sócrates, que a explicação mais verdadeira deste problema seja que um certo poder superior ao homem tenha dado os primeiros nomes aos objetos. " (*Crátilo*, 438 A.C).

### **Tradição e Tradicionalismo.**

Não poderíamos deixar de tecer, antes de tratarmos da tradição chinesa, algumas considerações sobre o uso, abuso e ambiguidade que se faz do termo *tradição*. O título deste tópico corresponde a um capítulo de um dos livros do citado Guénon<sup>28</sup>.

A primeira observação é sobre a confusão entre tradicionalismo e conservadorismo. Pode-se ser conservador em certo assunto, contestador em outro, revolucionário ainda em outro. Admitida a tradição divina, então, como constatamos, esta está sempre ligada a outras "tradições" humanas, falseada, etc. Então é necessário depurá-la, recriá-la, caso contrário seria tradição morta. Para um pensador radical como Guénon, todo o mundo moderno deve ser ultrapassado, contestado. Este mundo não apresenta apenas tradições humanas, mas tradições incompatíveis com a tradição divina. Eis como Guénon inicia o citado capítulo: "A falsificação de todas as coisas que é, como já o dissemos, um dos traços característicos de nossa época, não é, falando propriamente, ainda a subversão, mas tal falsificação contribui bastante para prepará-la; mostra-se talvez melhor na falsificação da linguagem<sup>29</sup>, ou seja, no emprego abusivo de certas palavras desviadas de seu sentido verdadeiro, emprego que é imposto de certo modo por uma sugestão constante por parte de todos aqueles que, por um pretexto ou outro, exercem uma influência qualquer sobre a mentalidade pública... A mentalidade moderna em tudo que a caracteriza como tal, é tão somente o produto de uma vasta sugestão coletiva que, exercendo-se continuamente no curso de vários séculos, determinou a formação e o desenvolvimento progressivo do espírito antitradicional, em que se resume definitivamente todo o conjunto de traços distintivos desta mentalidade... A própria ideia de tradição foi destruída a tal ponto que aqueles que aspiravam a reencontrá-la já não sabem para que lado dirigir-se... Todos os empregos abusivos desta palavra 'tradição'... a começar pelo mais vulgar, aquele que o

---

<sup>27</sup> A distinção de Platão como filósofo e como teólogo, isto é, enquanto especulador a partir da razão individual e enquanto pensador e depositário da tradição remonta a Clemente de Alexandria (150 - ca 215 d. C.) e é fundamental para a interpretação de Platão.

<sup>28</sup> R. Guénon - *Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps*. Gallimard, Paris, 1945. Capítulo XXI: "Tradition et Traditionalisme".

<sup>29</sup> É um tema proposto também por Confúcio: a retificação dos nomes.

torna sinônimo de 'costume' ou de 'usos', levam a uma confusão da tradição com as coisas humanas mais banais e desprovidas de todo sentido profundo".

Mas o que Guénon considera mais degenerado é rebaixar a ideia de tradição a um nível todo humano, quando, pelo contrário, o que caracteriza o tradicional é seu elemento supra-humano<sup>30</sup>. Assim, parece a Guénon que o uso do termo em expressões como 'tradição humanista' seja uma verdadeira contradição.

Não é necessário porém chegar a tal radicalidade. A exemplo da sabedoria, em que se pode falar de uma sabedoria divina e de uma humana, também se pode falar de uma tradição divina e de tradições humanas. Entre essas pode haver inclusive incompatibilidade. Assim nos diz S. Paulo que o que é Sabedoria para os homens é loucura para Deus e vice-versa: "Ninguém se engane a si mesmo; se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se insensato para ser sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus". (1Co 3 18, 19 ) E para terminar esta primeira parte, a expressiva citação do Evangelho: "pois, deixando o mandamento de Deus, abraçais a tradição dos homens..." ( Mc 7, 8 )

## Segunda Parte

### Confúcio e sua escola

Confúcio (551- 479 a.C.) é a forma latina de Kongfuzi, que quer dizer Mestre Kong. Nasceu no estado de Lu em 551 a.C. Seu pai morreu quando tinha três anos, sendo educado pela mãe. Casou-se com 28 anos e no ano seguinte teve um filho Kong Li (522-482 a.C.). Depois de ocupar pequenos postos no ramo de administração de cereais, dedicou-se ao ensino, sendo o primeiro professor na história da China.

Visitou a antiga capital dos Zhou, Luo Yang, onde se informou sobre os ritos. Ao regressar, tornou-se magistrado em seu estado de Lu. Seu sucesso foi grande, de modo a ser promovido a Ministro da Justiça; tinha então 55 anos. Em 495 a.C. abandonou seu posto, desgostoso com a politicagem e jogo de interesses entre os Estados. Desde esta época, perambulou nos 14 últimos anos de sua vida, de Estado a Estado, oferecendo seus serviços aos governantes que quisessem consultá-lo. Aos 68 anos, deixou de lado suas aspirações políticas e retornou ao Estado de Lu. Nos últimos anos de vida, além do ensino, dedicou-se a editar os clássicos. Esse trabalho editorial resultou na transmissão da tradição chinesa que chega até nossos dias e fatora da unidade cultural chinesa. Neste empreendimento foram coligidos seis livros sagrados, os Seis Jing e juntamente com os quatro livros da própria Escola de Confúcio, constituem os Escritos Confucianos.

Os Seis Jing são:

1. Shi Jing, o livro dos Cânticos. Coleção de 315 hinos e cantos selecionados da Antiguidade.
2. Li Ji, o livro dos Ritos. Registro dos sistemas de governo das instituições morais e religiosas da Dinastia Zhou.
3. Shu Jing ou Shang Shu, o livro dos Documentos ou Escrituras Seletas. Coletânea de documentos históricos e registros da Antiguidade
4. Chun Qiu, Anais Primavera-Outono. Registro dos eventos desde 722 a.C. do Estado de Lu.

---

<sup>30</sup> No entanto, neste ponto como em outros, é bastante ambígua a posição de Guénon, já que ele nunca atribui a tradição a Deus.



5. Yi Jing, o livro das Mutações. Estudo dos eventos humano-cósmicos, articulados em 64 processos, representados por hexagramas.

6. Yue Jing, o livro da Música. Inteiramente perdido.

Os Quatro Livros:

1. Lun Yu, os Analetos de Confúcio - Complicação dos ditos de Confúcio.

2. Da Xue, o Grande Estudo.

3. Zhong Yong, a Harmonia Perfeita.

4. O Livro de Mêncio. Mêncio (372-289 a.C.) foi considerado o segundo Mestre, depois de Confúcio.

É preciso dizer que os Seis Jing são considerados propriamente sagrados. Jing é livro sagrado, os quatro livros como "comentários ortodoxos" da tradição. É um erro grave reduzir a tradição confuciana aos quatro livros<sup>31</sup>.

Assim o novo confucionismo<sup>32</sup>, a partir de um único trecho (e ainda mal interpretado...), procura mostrar que o confucionismo não é religioso<sup>33</sup>: "Ji Lu perguntou sobre o culto dos mortos. Disse-lhe o Mestre: 'Quem não sabe servir os vivos, como há de saber servir os mortos?'. 'E que me dizeis sobre a morte?'. Respondeu Confúcio: 'Se não sabeis o que é a vida, como haveis de saber o que é a morte?'".(Lun Yu, XI, 12)

Mas mesmo no caso de Confúcio ter sido ateu, o único que se poderia dizer é que ele não estaria de acordo com a própria tradição que ele consagrou.

### **A Tradição Extremo - Oriental.**

Apresentaremos uma seleção - certamente limitada - de textos significativos e os comentaremos.

Trecho 1 - (Lun Yu VII, 1)

子曰：「述而不作，信而好古，竊比於我老彭。」

"O Mestre disse: "Sou um transmissor e não um inventor, tenho fé e amo a Antiguidade, comparo-me ao velho mestre Peng".

O Mestre não procura inventar, mas transmitir o que lhe vem genuinamente da Antiguidade. Mas por que estes homens eram tão extraordinários? Por encontrar-se na

---

<sup>31</sup> É totalmente inadequada a interpretação de Guénon a respeito da tradição extremo-oriental. Interpreta o taoísmo como a componente metafísica e o confucionismo apenas como a componente social e exotérica. Além dos textos taoístas serem posteriores, eis como se refere ao Yi Jing: "A tradição metafísica, tal qual é constituída sob a forma de "taoismo", é o desenvolvimento de princípios de uma tradição mais primordial, contida notadamente no Yi Jing, e que é desta mesma tradição primordial que decorre inteiramente ainda que de um modo menos imediato e somente enquanto aplicação a uma ordem contingente todo o conjunto de instituições sociais que é habitualmente conhecido com o nome de confucionismo". (R. Guénon. *Introduction Générale à l'Étude des Doctrines Hindoues*. Vega Paris, 1964, p. 71). Além do Yi Jing fazer parte da tradição confuciana, temos a projeção de um Oriente idealizado bem diferente do real.

<sup>32</sup> O confucionismo destes dois últimos séculos, diferente do neo-confucionismo medieval.

<sup>33</sup> Esta tese de que Confúcio repudia a religião não tem nenhum fundamento. Como seria afastar-nos demasiado do tema, remetemos à competente defesa que o Pe. Joaquim Guerra S. J faz de Confúcio. Consultar: *Quadrivolume de Confúcio*, Macau, 1984, pp. 405-413; *Livro dos Cantares*, Macau, 1979, Introdução, pp. 63 - 75.

origem da Revelação. Podemos aplicar a Confúcio *mutatis mutandis* o que Pieper, depois de uma profunda investigação sobre os mitos platônicos, diz de Sócrates: "Em conclusão, Sócrates confia numa palavra divina quando aceita um conhecimento da Antiguidade e o toma por norma de seu comportamento; ele confia na autoridade da Revelação. Com isso, porém, salta à vista a fundamental conformidade entre a concepção platônica da 'Sabedoria dos Antigos' com a ideia cristã de uma Tradição Sagrada fundamentada por porta-vozes e profetas escolhidos por Deus como 'receptores originários da Revelação'<sup>34</sup>". O que torna portanto os Antigos alicerce da cultura é sua participação na Revelação.

Trecho 2 - (Lun Yu VII, 19)

子曰：「我非生而知之者，好古，敏以求之者也。」

"Disse o Mestre: "Eu não sou um homem que nasci com o saber; eu sou um amante da Antiguidade e busco, na Antiguidade, diligentemente o saber".

É um reforço do primeiro trecho

Trecho 3 (Zhong Yong, cap. XVII, 4)

詩曰，「嘉樂君子，憲憲令德，宜民宜人。受祿于天。保佑命之，自天申之。故大德者必受命。」

"Lê-se no livro dos Cânticos:

Excelso esse príncipe!

Austero nas virtudes,

Destarte rege povo e ministros.

Do Céu lhe vem a bonança,

Do Céu recebeu proteção, providência,

O Céu concedeu-lhe o mandato.

É pois do Céu que tudo vem...

Homens de grande virtude,

A vós compete o mandato!"

Deus era chamado na dinastia Shang (1523 -1028 a.C.) Di ou Shang Di; na dinastia Zhou (1028-256 a.C.), Tian. Tian era um deus pessoal, que depois passou a indicar o Céu, tanto pessoal como impessoalmente. Há trechos no Shu Jing que no mesmo parágrafo empregam Di, Shang Di e Tian. Traduzirei Di e Shang Di por Deus e Tian por Céu. O sentido impessoal só surge com o filósofo confuciano heterodoxo Xunzi (ca.298-ca238a.C.). Pelo texto pode-se ver claramente que o regente recebia tudo de Deus.

Trecho 4 - (Zhong Yong, Cap. XX, 7)

故君子，不可以不脩身。思脩身，不可以不事親。思事親，不可以不知人。思知人，不可以不知天。

"Portanto o príncipe não pode descuidar do cultivo do caráter. Desejando cultivar seu caráter deverá servir seus parentes. Para servir seus parentes deverá conhecer o homem. Para conhecer o homem deverá conhecer o Céu. Conhecer o Céu é conhecer tudo o que Deus decretou e revelou".

---

<sup>34</sup> Pieper, *Überlieferung*, pp. 55-56.

Trecho 5 - (Lun Yu II, 4).

五十而知天命

"Aos cinquenta anos, Eu ( Confúcio ) conheci o mandato do Céu".

A santidade de Confúcio!

Trecho 6 - (Lun Yu VII, 22)

子曰:「天生德於予,桓魋其如予何?」

"O Mestre disse: O Céu infundiu a virtude que está em mim. Huan Tui, que me poderá fazer?"

Deus infundindo a virtude em Confúcio!

Note-se aqui que Deus sempre se revela; porém a revelação original foi dada a todo o gênero humano.

Trecho 7 - (Shu Jing, parte 4, livro 8, pt. 3, 3 )

說曰:「王人求多聞時惟建事學于古訓乃有獲。事不師古以克永世匪說攸聞。」

"Yue disse: Ó rei, os homens procuram ouvir muito quando devem estabelecer seus assuntos. Aprender as lições dos antigos é o modo de terem sucesso. Que os assuntos de alguém possam ser perpetuados por gerações, sem fazer dos antigos seus mestres, é o que Yue nunca ouviu dizer".

Os antigos como mestres infalíveis e imprescindíveis!

Trecho 8 - (Shu Jing, parte V, livro XII, Pp 11 e 12)

相古先民有夏, 天迪從子保, 面稽天若; 今時既墜厥命。今相有殷, 天迪格保, 面稽天若; 今時既墜厥命。今冲子嗣, 則無遺壽考, 曰其稽我古人之德, 矧曰其有能稽謀自天?

"Examinando os primeiros homens da Antiguidade, há o fundador da dinastia Xia<sup>35</sup>. O Céu foi seu condutor, permitindo que sua descendência o sucedesse e protegeu-a. Ele estava em consonância com o Céu e era obediente. Mas no curso do tempo, o decreto em seu favor foi rompido. É o mesmo caso de Yin<sup>36</sup>. O Céu guiou seu fundador, corrigindo e protegendo seus descendentes. Ele também procedia em consonância com o Céu e era obediente. Mas agora o decreto do Céu também foi rompido. Nosso rei subiu ao trono em sua juventude: que não despreze os idosos e experientes, pois pode-se dizer que estes estudaram a conduta virtuosa de nossos veneráveis antigos. E o mais importante: eles ponderaram seus planos sob a condução do Céu".

A condução do Céu é total! Além disso instruiu o fundador mítico da primeira dinastia chinesa.

Trecho 9 - (Shu Jing, parte IV, livro V, Pt 3, 3)

先王惟時懋敬厥德, 克配上帝。今王嗣有令緒, 尚監茲哉。

<sup>35</sup> Dinastia ainda incerta. Segundo a cronologia chinesa: 2205 a.C.-1766 a.C.

<sup>36</sup> Yin é outro nome da dinastia Shang.

"O rei anterior era sempre zeloso no cultivo da própria virtude; deste modo era o companheiro de Deus. Eis que hoje o real sucessor dispõe de excelente herança. Espero que se concentre nisso."

O cultivo das virtudes como condição da sintonia com Deus.

Trecho 10 - (Shu Jing, parte III, livro IV, Cap II, 2 b)

先王克謹天戒，臣人克有常憲，百官修輔，厥后惟明明。

"Os primeiros reis eram extremamente cuidadosos em relação aos avisos do Céu, e os seus ministros mantinham a observância constante das leis. Todos os oficiais cumpriam devidamente seu serviço. Os soberanos eram plenamente iluminados".

Podemos depreender que quanto mais nos remetemos às origens culturais da humanidade tanto mais iluminados eram seus representantes.

Haveria muitos outros trechos a apresentar acrescidos de todas as inscrições oraculares pré-históricas. Vamos apenas mencionar algumas conclusões de um importante estudo a respeito<sup>37</sup>. "Shang Di é um 'Deus Próximo' que habita com os homens na floresta das origens, ainda que tenha poder sobre as estrelas e sobre os astros; não é portanto um deus longínquo, celeste, separado, urânico. Do alto da árvore, sua habitação governa a vida social e política dos homens, dispõe da fundação de suas cidades e recebe os sacrifícios e as orações"<sup>38</sup>.

E arremata: "Este filão religioso institucional, social, ideal, cultural, mesmo sendo em sua particularidade e originalidade chinês, resulta essencialmente paralelo e sinótico em relação ao semítico que se manifestou no Oriente Médio e do qual a Bíblia é expressão. Evidentemente as duas tradições participaram de uma fé comum proto-histórica que conhecia o nome divino de Shang Di..."<sup>39</sup>

## Conclusões

A apresentação de textos e testemunhos de tradições historicamente separadas como a ocidental e a chinesa, é sugestiva e permite-nos reflexões e conclusões. A universalidade de certas concepções é realmente impressionante. Quando, por exemplo, estudamos a universalidade dos sacrifícios, inclusive humanos, e nos deparamos com uma civilização como a Maia, isolada historicamente, e constatamos sua inteira existência dedicada à expiação pelo sangue, nossa perplexidade é grande. Ora, os chineses da Antiguidade atestam a presença de antepassados, os famosos "antigos", que deveriam ser imitados, cujos caminhos deveriam ser percorridos, próximos a uma revelação originária.

É um tema digno de ser meditado e aprofundado...

Recebido para publicação em 29-03-14; aceito em 25-04-14

---

<sup>37</sup> Antonio Ammassari, *L'Identità cinese. Note Sulla Preistoria della Cina secondo le iscrizioni oracolari della Dinastia Shang* - Jaca Book, Milão, 1991.

<sup>38</sup> Op. cit. p. 80.

<sup>39</sup> Op. cit. p. 247.